



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 4 • nº 14 • 06 a 12/05/07 • ISSN1809-6182

Análise

05/05/2007 – A crise entre Estados Unidos e Rússia em torno do sistema de defesa antimísseis estadunidense.....p.01

As intenções dos Estados Unidos de instalar parte do seu sistema de defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca para, supostamente, defender-se de um eventual ataque iraniano, geraram uma reação russa contra tal programa.

A crise entre Estados Unidos e Rússia em torno do sistema de defesa antimísseis estadunidense

Análise
Segurança

Fernando Maia
05 de maio de 2007

As intenções dos Estados Unidos de instalar parte do seu sistema de defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca para, supostamente, defender-se de um eventual ataque iraniano, geraram uma reação russa contra tal programa.

No final de abril, uma crise entre Estados Unidos (EUA) e Rússia passou a ter destaque nas discussões internacionais. Isto porque, desde janeiro, os EUA vêm demonstrando sua intenção de instalar parte do seu sistema de defesa antimísseis na Polônia (dez foguetes interceptores¹) e República Tcheca (estação de radar) que deverão estar operando até 2013. O argumento principal é de que essa ampliação serviria para proteger os EUA contra um possível ataque iraniano. Argumentam, ainda, o fato de que o território europeu seria protegido com o sistema, inclusive a Rússia.

Essa intenção estadunidense gerou reações por parte da Rússia e dos membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)². Estes últimos cobraram mais transparência das intenções estadunidenses. A resposta mais contundente veio da Rússia. Ressalte-se que ela não é membro efetivo da Organização, mas a Comissão OTAN-

Rússia estabeleceu um mecanismo de consultas, de criação de consenso, cooperação, ações e decisões conjuntas, nas quais os membros da organização e a Rússia trabalham em parceria em temas de interesse comum.

O Kremlin considera as intenções dos EUA como uma ameaça à segurança russa e não vê sustentação no argumento de que tal sistema seria contra uma ação iraniana. Depois de classificá-lo de “quimera”, o Ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov, afirmou que o sistema seria direcionado contra eles. O presidente Vladimir Putin afirmou que “Esses sistemas [de defesa] irão controlar o território russo até os montes Urais, se, é claro, não fizermos nada a respeito; mas vamos fazer.”. A percepção russa é de que o sistema implantado tão próximo do seu país constituiria uma ameaça aos seus mísseis estratégicos.

Os EUA criticaram a posição adotada pela Rússia no caso e tentaram mostrar que os russos deveriam aceitar e até participar do sistema proposto. A Secretária de Estado estadunidense Condoleezza Rice disse: “vamos ser realistas: a idéia de que de alguma forma dez interceptores e alguns radares no leste da Europa vão ameaçar a estratégia russa de detenção é

¹ Destinam-se a destruir artefatos, rastreados por radares, a fim de impedir que atinjam o alvo.

² Ver o verbete no Glossário do Conjuntura Internacional.

simplesmente ridícula e todo mundo sabe disso.". Além disso, afirmou que "os russos têm milhares de artefatos nucleares. A idéia de que de alguma forma é possível interromper a estratégia nuclear russa com uns poucos interceptores não faz nenhum sentido.".

Entretanto, com essas críticas da Secretária de Estado, ela, juntamente com o Secretário de Defesa Robert Gates, iniciaram uma movimentação conciliatória no sentido de negociar com Moscou alguns aspectos do sistema antimísseis. O que se pode perceber é que as críticas têm o objetivo de mostrar aos russos que não há o que temer com a instalação do sistema. Gates chegou a viajar para Moscou para um diálogo. Negociações no âmbito da OTAN também aconteceram com a presença do ministro das relações exteriores russo.

O posicionamento conciliatório de Washington evidencia-se através de um "pacote" de defesa oferecido à Rússia que inclui a interligação dos sistemas antimísseis russo e estadunidense, além de cooperação em matéria de inteligência e desenvolvimento de tecnologia de defesa. A posição inicial russa de não querer discutir a proposta³ foi revista no início de maio, quando as partes concordaram em manter conversações em nível ministerial para buscarem uma solução satisfatória para ambas. Havendo avanços, em breve, os presidentes George W. Bush e Vladimir Putin deverão se encontrar.

De qualquer forma, o "pacote" oferecido busca diminuir a tensão nas relações russo-estadunidense e, com isso, criar um ambiente de confiança entre ambos. Contudo, mesmo disposta a negociar, a Rússia possui alguns setores das forças armadas que se mostram apreensivos com a movimentação estadunidense na região,

especialmente com o receio de que os EUA utilizem a estrutura do sistema proposto para posicionarem mísseis de ataque de médio e longo alcances, informou a Folha Online.

Do ponto de vista prático, algumas ações foram tomadas por parte da Rússia. Vladimir Putin determinou a suspensão do cumprimento do Tratado sobre as Forças Convencionais na Europa (CFE, siga em inglês) podendo até se retirar completamente dele.

O CFE é um tratado fundamental para a segurança na Europa. Assinado em Paris no dia 19 de novembro de 1990 pelos membros da OTAN e do antigo Pacto de Varsóvia⁴, buscou um controle dos armamentos convencionais no continente capazes de lançar ataques surpresa ou iniciar operações ofensivas em larga escala. Os equipamentos objeto do tratado são: tanques, veículos de combate, peças de artilharia e aeronaves e helicópteros de combate⁵. Segundo dados dos países, até o ano de 1995, houve uma redução de mais de 52 mil peças.

Em 1999, o CFE foi adaptado para que, dentre outros aspectos⁶, a Rússia retirasse suas tropas de Moldávia e da Geórgia, ex-repúblicas soviéticas. Moscou ainda não cumpriu a exigência, o que levou os membros da OTAN a ainda não ratificarem essa adaptação, já que condicionam a ratificação à retirada russa. Com isso, formou-se um círculo vicioso nas argumentações, já que a Rússia decretou a suspensão no cumprimento por não ver os membros da OTAN

³ O vice-premiê russo Sergei Ivanov chegou a afirmar que não havia "base para falar sobre cooperação em defesa estratégica de mísseis".

⁴ Aliança militar formada em 1955, pelos países do Leste Europeu mais ex-URSS, em contraposição à OTAN.

⁵ Segundo o CFE, os números de cada signatário não poderiam exceder 40.000 tanques, 60.000 veículos de combate, 40.000 peças de artilharia, 13.600 aeronaves de combate e 4.000 helicópteros.

⁶ Esses aspectos envolvem a redução das armas em nível individual e uma "cláusula" de transparência em que signatários se comprometem a permitir inspeções regulares.

cumprindo suas responsabilidades de aderirem ao tratado, especialmente, as repúblicas recém admitidas na organização. Ademais, esses membros vinculam sua ratificação ao cumprimento das responsabilidades russas. Ressalte-se que os EUA também não ratificaram a versão de 1999.

Do ponto de vista analítico, essa crise envolvendo o sistema antimísseis permite algumas discussões sobre as relações entre Rússia e EUA, o papel da OTAN e a relação da Rússia com ex-repúblicas soviéticas.

Com o final da Guerra Fria, os EUA, como a única grande potência do sistema internacional, ficaram mais preocupados com a emergência de atores regionais capazes de alterar essa sua posição. Nesse caso, uma Rússia forte econômica, política e militarmente poderia vir a ser uma preocupação maior dos EUA, pois isto significaria um ator de visível peso internacional [Ver também: [Alguns aspectos do futuro político da Rússia](#)].

Ressalte-se que, ainda que o CFE com sua atualização tenha reduzido o contingente de armamentos convencionais no continente, no caso específico da Rússia, resta uma variável importante: a posse de armas nucleares estratégicas (mísseis intercontinentais e mísseis lançados de submarinos) que pode vir a lhe garantir uma capacidade de retaliação significativa⁷. Ressalte-se que não se afirma que a Rússia tem de fato essa capacidade garantida porque com a decadência de suas forças armadas, a partir do esfacelamento da União

Soviética, não se conhece a real disponibilidade e operacionalidade desses armamentos estratégicos. Percebe-se que a nova Doutrina Militar tem levado o país a se preocupar mais com a modernização e ampliação de suas forças armadas, mas, para ter concretamente a referida capacidade e conseguir contrabalançar os EUA, será necessário um esforço maior⁸.

Contudo, como já foi dito, os EUA, pela sua posição especial, não vão querer o fortalecimento de um ator que busca claramente um papel mais ativo no mundo para, então, agir, especialmente se esse ator dispõe de meios para fazer frente aos EUA. As capacidades militares russas, se comparadas a outros países, dão uma dimensão da situação: os EUA possuem cerca de 10.500 armas nucleares, a Rússia 8.600, Reino Unido 200, França 350 e China 400. Apesar da ressalva feita anteriormente sobre a operacionalidade das armas russas, é possível ter uma visão da sua superioridade em relação aos demais e da sua proximidade com os EUA nesse aspecto. Assim, esta situação poderia gerar uma preocupação para os EUA.

No caso em questão, ainda que o sistema antimísseis instalado na Europa tenha, supostamente, por objetivo proteger os EUA e o continente de um ataque iraniano, tal sistema certamente beneficia os EUA num monitoramento das posições russas. Assim, a afirmação da Secretária de Estado Condoleezza Rice de que os aparelhos a serem instalados na Polônia e República Tcheca não constituem uma ameaça à Rússia deve ser vista com cautela.

Isto porque, o sistema poderia afetar a capacidade defensiva russa. Com o

⁷ Segundo Diniz (2003), essa expressão significa uma “situação em que uma retaliação é capaz de impor uma deterioração da posição relativa do retaliado na balança de poder” e, apesar da necessidade de uma melhor elaboração dessa concepção, deve-se “evitar a idéia insustentável de que a possibilidade do lançamento retaliatório de uma única ogiva nuclear sobre, por exemplo, os EUA, a Rússia ou a China seja suficiente para dissuadir um ataque de qualquer destes” (p.147, nota 20).

⁸ Por exemplo, aumentar os seus gastos militares para tentar diminuir a grande distância com relação aos EUA. Segundo dados do Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo, em 2005, enquanto os EUA gastaram cerca de US\$ 478 bilhões, a Rússia gastou apenas US\$ 21 bilhões.

sistema próximo de seu território, um míssil que eventualmente fosse lançado seria facilmente interceptado e abatido. Ademais, há o receio de que os locais sejam utilizados para posicionar mísseis de médio e longo alcance no futuro. Essa preocupação russa tem se materializado na ameaça de se retirar do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (*Intermediate-range Nuclear Forces*, INF)⁹ firmado com os EUA em 1987.

Outro ponto que pode gerar preocupação para os EUA, e que ainda não está na pauta de qualquer discussão, diz respeito aos artefatos que podem ser lançados por submarinos (os chamados SLBM, *submarine-launched ballistic missile*)¹⁰. O sistema de defesa que os EUA pretendem instalar no continente pode ser ineficiente para lidar com essa categoria de artefato. Portanto, pode-se esperar alguma discussão bilateral entre os dois países ou no âmbito da OTAN sobre esse aspecto específico.

A crise enseja ainda discussão sobre outros dois aspectos: a atuação da OTAN no caso e a relação da Rússia com as ex-repúblicas soviéticas.

A OTAN [Ver também: [OTAN: evolução histórica](#)] vive um momento de desafio. A Organização, que garante a segurança do continente através da presença estadunidense, precisará atuar no sentido de fazer com que uma futura ameaça russa seja minimizada. Como os EUA têm a necessidade de manter uma Europa segura para evitar o fortalecimento de qualquer ator que possa ameaçar sua posição, ele deve atuar no sentido de

manter a OTAN o mais coesa possível.

Entretanto, existem indícios de que conseguir essa coesão não será tão fácil. A Ministra da Defesa da Noruega, Anne-Grete Stroem-Ericsen, declarou que seu país é contra o sistema na forma proposta pelos EUA. A Chanceler da Alemanha, Angela Merkel, afirmou que é contra a decisão da Polônia de aceitar parte do sistema antimíssil estadunidense em seu território. Para a Chanceler, qualquer discussão deve ser feita no âmbito da OTAN e não em nível bilateral. Essas declarações, portanto, dão um indício de que nem todos os membros da Organização compartilham da mesma opinião sobre o sistema.

Além disso, a estratégia adotada no início da década de 1990 de empurrar a Rússia o mais ao leste possível para manter a Europa segura deverá ser revista, dado que isto poderia dar àquele país oportunidade para consolidar seu poder, especialmente a renovação de suas forças armadas. Assim, deve-se esperar uma postura mais conciliatória por parte dos EUA (o que de fato vem acontecendo na crise atual) no sentido de controlar as movimentações de Moscou, particularmente no âmbito da organização através da Comissão OTAN-Rússia.

Bons indicadores das relações entre os dois países serão as posições adotadas em torno do Tratado de Moscou e o relatório do START I¹¹, em 2009.

Moscou, ao contrário, tenta utilizar-se da crise para atender seus interesses, especialmente, de evitar que mais ex-repúblicas soviéticas que integrariam sua área de influência passem a integrar a OTAN. Os problemas da ratificação da

⁹ Tratado de controle de armas atômicas com alcance variando entre 500 e 5.500km firmado entre EUA e União Soviética no dia 8 de dezembro de 1987. O INF foi o primeiro tratado a eliminar essa espécie de artefato nuclear.

¹⁰ Segundo dados de 2002, a Rússia teria cerca de 1.100 desses artefatos e cerca de 3.100 mísseis intercontinentais (ICMB, *intercontinental ballistic missile*).

¹¹ Os START I e II são tratados de redução de armas estratégicas (em inglês, *Strategic Arms Reduction Treaty*) assinados entre EUA e URSS/Rússia em 1991 e 1993, respectivamente, e exigem um relatório bianual das armas estratégicas de ambos. O Tratado de Moscou, de 2002, tem o nome oficial de *Strategic Offensive Reductions Treaty*.

adaptação do CFE de 1999 evidenciam este ponto.

O fenômeno da expansão da OTAN ocorrido com o fim da Guerra Fria incorporou muitas ex-repúblicas soviéticas na organização ocidental. Para a Rússia, isso significou uma diminuição da sua influência sobre esses países e também sobre o Cáucaso [Ver também: [Rússia impõe sanções severas à Geórgia e Redefinição de esferas de influência no Cáucaso: as questões tchetchena e georgiana](#)].

Várias de suas ações hoje são no sentido de firmar sua posição para evitar mais perdas. Prova disso, é a sua resistência em se retirar da Geórgia, por exemplo.

A possibilidade de o sistema proteger os EUA e a Europa de um eventual ataque iraniano não está descartada, até porque a Rússia vem tendo um relacionamento próximo do Irã, no sentido de fortalecê-lo e o programa nuclear iraniano poderia chegar a desenvolver mísseis intercontinentais [Ver também: [Rússia vende sistema antimíssil para o Irã](#)].

Ante o exposto, a análise buscou chamar atenção para algumas implicações da instalação do sistema antimísseis estadunidense nos países citados. Se a Rússia não é uma ameaça real agora, ela poderá vir a ser no futuro e os EUA podem estar preocupados com isso.

Referência

Boletim dos Cientistas Atômicos – *Global nuclear stockpiles, 1945-2006*. (July/August 2006).

Diniz, Eugenio. *Realismo, Institucionalismo liberal e a inserção internacional do Brasil: uma agenda de pesquisa empírica*. In: ESTEVES, Paulo

Luiz (org.). **Instituições Internacionais: segurança, comércio e integração**. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2003, 402pp.

Sites:

Análise das Forças Militares Russas

<http://www.warfare.ru>

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/>

Doutrina Militar russa – 2000

<http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/991009-draft-doctrine.htm>

Federation of American Scientists

<http://www.fas.org>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

Herald Tribune

<http://www.iht.com>

NRDC: *Natural Resources Defense Council* – Arquivo de dados nucleares

<http://www.nrdc.org/nuclear/nucleardb/datainx.asp>

Panorama do Exército Russo

<http://www.globalsecurity.org>

Presidência da Rússia

<http://www.kremlin.ru/eng>

Stockholm International Peace Research Institute

<http://www.sipri.org/>

Ver também:

23/09/2004 - [Redefinição de esferas de influência no Cáucaso: as questões tchetchena e georgiana](#)

08/05/2006 - [OTAN: evolução histórica](#)

19/10/2006 - [Rússia impõe sanções](#)

[severas à Geórgia](#)

09/03/2007 - [Rússia vende sistema antimíssil para o Irã](#)

30/03/2007 - [Alguns aspectos do futuro político da Rússia](#)

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profa. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Andre Klausing; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Diego Pereira; Fernando Maia; Joana Laura Nogueira; Lígia Mello; Luiz Fernando Moura e Castro; Raphael Rezende Esteves.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itáú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas - Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>

